"Introdução" (p. 9-21) da obra:

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma compreensão do lazer e das viagens. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2009 – edição comemorativa de 25 anos do livro.

# Introdução

*É de alma que você precisa mudar, não de clima.*

Sêneca, *Carta XXVIII*

## A mobilização total

A sociedade humana, outrora tão sedentária, pôs-se em movimento. Hoje, uma mobilidade frenética tomou conta da maioria dos habitantes das nações industriais. Aproveita-se de todas as oportunidades para viajar e fugir do cotidiano com a maior frequência possível. Curtas escapadas no decorrer da semana ou no fim de semana, longas viagens nas férias. Para os mais idosos, não há desejo mais ardente que o da segunda residência. Acima de tudo, não ficar em casa: viajar a qualquer preço!

Assim é que, ano após ano, fim de semana após fim de semana, milhões de seres humanos comprimem-se em multidões, sem necessidade alguma e sem obrigação aparente, consumindo esse período que lhes é tão precioso. Quase todos participam do movimento, imaginando que o fazem de livre-arbítrio, mas a aparência é de quem obedece a uma ordem. Alinham-se em filas de carro ou deixam-se despachar, como se fossem cargas, em ônibus, aviões ou trens. Amontoam-se em praias que se tornaram muito pequenas. Fazem fila diante de lojas e restaurantes, *ski-lifts* e teleféricos, assim como diante dos pontos turísticos, que já demonstram o desgaste provocado por todos esses olhares. Chegam até

a hospedar-se em favelas. Um especialista em comportamento nota que, se tais condições fossem impostas aos trabalhadores durante as horas de trabalho, os sindicatos interviriam, e com toda a razão[1]. Comparadas às legiões de pessoas em férias que se movimentam atualmente, as migrações dos povos da antiguidade pareceriam apenas excursões escolares melhoradas.

Deveríamos regozijar-nos, entretanto, com o fato de que o prazer, outrora reservado a alguns privilegiados, seja hoje experimentado pela grande massa. A mobilidade, as férias, as viagens – conquistas sociais. Contudo, a alegria que deveriam proporcionar não chega realmente a ocorrer. Isso porque a medalha tem um reverso: por aquilo que conquistamos, somos obrigados a pagar, a dar algo em troca. Agora, as consequências dessa nova liberdade de ir e vir, tão duramente conquistada, ameaçam sufocar-nos. Afinal de contas, teríamos realmente ganho ou, quem sabe, perdido alguma coisa? Aonde isso vai parar?

Qual é a origem dessa mobilidade nos dias de folga que, em especial, caracteriza os habitantes das cidades e à qual dedicam hoje em dia 40% do tempo livre de que dispõem? Despende-se 30% desse tempo em excursões ou passeios curtos e 10% em viagens de férias[2].

O ser humano não nasceu turista, mas dotado de uma curiosidade e de um sentimento um tanto nostálgico quanto aos países longínquos que gostaria de conhecer. Em todas as épocas, isso esteve entre suas necessidades básicas e imediatas. A dinâmica de tais atributos determinou as refinadas viagens da aristocracia até o fim do século XX. Mas o que impulsiona milhares de pessoas hoje em dia para longe de suas casas não é mais a necessidade inata de viajar. Ao observar como viajam as pessoas, quais são suas principais ocupações nas férias e os assuntos conversados, chega-se à seguinte conclusão: viajar deixou de ser, na maioria das vezes, o desejo de fazer descobertas e de realmente aprender alguma coisa.

Nos nossos dias, a necessidade de viajar é, sobretudo, criada pela sociedade e marcada pelo cotidiano. As pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho ou onde moram. Sentem uma necessidade urgente de se desfazerem tempo-

rariamente da rotina massificante do dia a dia do trabalho, da moradia e do lazer, a fim de estar em condições de retomá-la ao regressarem. O trabalho é cada vez mais mecanizado, compartimentado e determinado fora da esfera de sua vontade. Sentem em seu âmago a monotonia do cotidiano, a fria racionalidade das fábricas, dos escritórios, dos imóveis residenciais e da infraestrutura rodoviária, assim como o empobrecimento das relações humanas, a repressão dos sentimentos, a degradação da natureza e a perda da naturalidade. Para um grande número de pessoas, essas realidades constituem as grandes deficiências do cotidiano, em que a existência parece reduzida à sua expressão mais simples. Elas geram o estresse, o esgotamento físico e psíquico, o vazio interior e o tédio. Para encontrarmos uma compensação para tudo o que nos falta no cotidiano, para tudo o que desapareceu, viajamos, desejamos liberar-nos da dependência social, desligar-nos e refazer nossas energias, desfrutar da independência e da livre disposição do próprio ser, entabular contatos, descansar, viver a liberdade e procurar um pouco de felicidade. Com efeito, viajamos para viver, para sobreviver. Assim, o grande êxodo das massas que caracteriza a nossa época é consequência das condições geradas pelo desenvolvimento da nossa sociedade industrial.

Além dessas motivações, a sociedade forneceu simultaneamente aos seus membros os meios para realizar tal evasão: dinheiro, sob a forma de salários mais elevados, e tempo, graças a horários de trabalho cada vez mais reduzidos. Mas, antes de tudo, a indústria desenvolveu, em nosso benefício, veículos que verdadeiramente colocaram em marcha a sociedade "auto-móvel". O carro e, em menor escala, o avião, introduziram a revolução do lazer móvel e transformaram-no, no curso de pouco mais de dois decênios e a uma velocidade espantosa, naquilo que é hoje. Todas as previsões concordam neste ponto: aquilo que ainda não é móvel hoje, amanhã o será. A via está livre para os cidadãos livres! O carro é o símbolo da liberdade por excelência! Quase se poderia dizer que nos concedemos um direito natural à motorização e à mobilidade individual ilimitada. Talvez esteja muito próximo, porém, o dia em que a própria mobilidade se autoaniquilará.

Finalmente, a sociedade coloca à nossa disposição a indústria do lazer que, de certa forma, faz o papel de amiga e conselheira. Ela se apoderou de nosso tempo livre e nos oferece não apenas satisfações, mas também cria, se necessário, as expectativas e os desejos correspondentes. Sob a forma de um programa de contrastes em relação ao mundo industrial, o tempo livre e as férias tornaram-se também uma indústria. O melhor negócio do século que ainda tem muito a nos oferecer pela frente!

Todo esse sistema se organiza numa espécie de alternância que poderíamos chamar de ciclo de reconstituição do ser humano na sociedade industrial: viajamos para recarregar as baterias, para reconstituir as forças físicas e mentais. Durante a escapada, consumimos o clima, a natureza e a paisagem, a cultura e os seres humanos das regiões visitadas, que transmutamos em "espaços terapêuticos". A seguir, voltamos para casa, mais ou menos em forma, para suportar o cotidiano durante certo tempo – até a próxima vez. O estratagema foi bem-sucedido. Entretanto, o desejo de voltar a viajar logo e com mais frequência vai ressurgir rapidamente, pois algumas semanas de férias e alguns fins de semana não são o suficiente. O copo está muito cheio, ele transborda de anseios e desejos. É dessa repetição permanente de necessidades insaciadas e insaciáveis que o ciclo tira sua dinâmica própria. Um eterno recomeço. Trabalhamos, sobretudo, para poder sair de férias, e temos necessidade de férias para poder retomar o trabalho. Descansamos para nos deixar atrelar mais facilmente à tarefa seguinte. Se não existisse o turismo, o cúmplice da evasão, seria necessário construir clínicas e sanatórios, para que o ser humano se recuperasse desse cansaço. O turismo funciona como terapia da sociedade, como uma válvula que mantém o funcionamento do mundo de todos os dias. Ele exerce um efeito estabilizador não apenas sobre o indivíduo, mas também sobre toda a sociedade e a economia. Os sociólogos comprovaram-no[3]: o ser humano que consegue mudar de ambiente e desligar-se do anterior desenvolve, após experimentar a fugacidade do turismo, a necessidade de voltar à estabilidade benéfica do seu dia a dia. Ele viaja para perceber que as coisas não são tão ruins assim em casa,

e que talvez sejam até melhores do que em qualquer outro lugar. Ele viaja para voltar.

Nossa economia, por sua vez, também necessita do turismo, que lhe propicia energia e regenera a mão de obra. Não teria sido essa uma das razões pelas quais, afinal, se concedeu mais tempo livre aos trabalhadores?

Eis, portanto, como funciona, em linhas gerais, essa imensa máquina de restauração das forças. Um ciclo que se repete ano após ano, e ao qual todos nós estamos mais ou menos presos sem que, no entanto, tenhamos clara consciência do fato.

## O êxodo das massas atinge os limites

De certo tempo para cá, entrou um pouco de areia nas engrenagens dessa enorme máquina que é o turismo. O que parecia funcionar tão bem continua a andar, é claro, mas o mecanismo não está mais tão lubrificado e tranquilo. De todos os lados, surgem interrogações: qual a razão de tudo isso, para onde nos levará? Tudo indica que a fuga das cidades grandes e o turismo sob a forma atual não constituem, no final, uma terapia verdadeira, e não há perspectivas para isso. Contudo, muitos são ainda os despreocupados que dão continuidade ao processo, sem mudá-lo em nada, de acordo com o lema: "Cada vez mais, cada vez maior, cada vez mais rápido, cada vez mais longe". A maioria das previsões reforça suas convicções. Por exemplo, aquelas que dizem respeito ao tráfego, já que este, aparentemente, só pode aumentar. A afirmação – citada com frequência – de um famoso futurólogo americano também é cheia de indicativos nesse sentido: segundo ele, a indústria de turismo será a mais importante do mundo[4].

Não deveríamos ser um pouco mais céticos e perceber que o futuro não é mais o que era, isto é, uma expansão previsível e realizável? Não podemos realmente presumir que tudo continuará como no passado. Um grande número de novos sinais indica mudança de rumo.

Um número crescente de pessoas começa a se dar conta de que o sistema atual é inadequado. As carências que sentimos na vida cotidiana não podem ser compensadas com alguns breves momentos de liberdade, de lazer criativo, de felicidade e de livre-arbítrio durante a folga nas férias. As pessoas não se contentam mais com esse tipo de liberdade, com essa vida. Confessando-o, ou não, exigem um tempo para viver melhor. Isso já foi dito há muitos anos no livro da autora P. E. Stössl[5]:

> Com o passar do tempo
> surge a vontade
> de sonhar
> o dia todo
> com o anoitecer,
> a semana toda
> com a sexta-feira,
> o ano todo
> com as férias,
> com uma vida
> que não seja apenas
> uma metade de vida.

Nossa sociedade sem alegrias deve encontrar a felicidade. A maioria das pessoas já não considera o trabalho como a razão essencial da vida. O mal-estar quanto à situação atual e o desejo de modificar alguma coisa têm estado cada vez mais presentes. O que deveria ser modificado, então?

Um outro grande ponto de interrogação quanto ao futuro é a crise que fustiga com violência a maioria dos países industrializados. Parece que o trabalho, lentamente, começa a faltar na própria sociedade do trabalho. Como dominaremos essa nova situação?

Os ecologistas e os defensores do meio ambiente também desejam, por sua vez, que as coisas se modifiquem. Querem lutar contra esses devoradores de paisagens turísticas que ainda estão soltos por aí. Eles tentarão impedir, por exemplo, que um terço do volume construído das grandes

cidades se reproduza no interior sob a forma de casa de campo, tal como profetizado. Eles querem colocar um fim no desenvolvimento desenfreado das rodovias que atendem, sobretudo, às exigências do lazer. Também lutarão para que as paisagens bucólicas não sejam entulhadas com instalações para divertimento de todos os tipos. Aqueles mesmos que antigamente formaram uma espécie de organização-fantasma, a máfia verde, se transformaram hoje num movimento enérgico que congrega adeptos cada vez mais numerosos. Qual será o resultado dessa luta?

Os habitantes das regiões visitadas começam a sentir, também, um certo rancor em relação aos efeitos negativos do êxodo das massas turísticas. Essas populações têm, cada vez mais, a impressão de que são invadidas por esse desenvolvimento e, ao mesmo tempo, dele excluídas. Não percebemos que os autóctones estão cansados, talvez até mesmo enfastiados do turismo? Eles desejam libertar-se do jugo turístico, assumir seu destino, determinar pessoalmente o seu desenvolvimento, dele participando. Eles desejam voltar a considerar a região onde vivem como o seu próprio espaço vital, sua pátria e não ter de transformá-la em local de repouso ou quadra de esportes reservados aos outros. Os "visitados" estão se preparando para a revolta. Naturalmente, ainda fazem "quase" tudo para que os turistas venham, mas, na realidade, prefeririam tudo fazer para impedi-los de vir.[6]

Não teríamos, também nesse aspecto, atingido os limites de um equilíbrio de ordem psicológica?

## "... a menos que transformemos o sistema"

Eis algumas das perguntas que gostaríamos de aprofundar com o objetivo de, eventualmente, descobrir fórmulas que se mostrem mais interessantes do que as que hoje conhecemos. Entretanto, não se trata de condenar tudo o que existiu até o presente e muito menos de fazer uma crítica impensada da sociedade usando o turismo moderno. Todos os que qualificam esse êxodo de milhões de pessoas como a maior calamidade

ocidental, a decadência da civilização, a mistificação das massas e até mesmo como o instrumento de repressão social para manter a não-liberdade e o "ópio do povo" simplificam demais o fato.[7] A crítica que fazem é ineficaz e passa ao largo de um fenômeno que já, há muito, se tornou uma realidade mensurável, um estado, de fato, social, econômico e político de grande alcance. Por mais holísticas que possam ser as tentativas e os comentários, as constatações dos fatos sobre os quais se fundamentam são insuficientes. A fuga das cidades, tal como a esboçamos, não resulta da maquinação cuidadosamente urdida de exploradores e aproveitadores capitalistas. É apenas um outro aspecto do desenvolvimento da nossa sociedade industrial. Os críticos diriam: o reverso da medalha. Não devemos nos esquecer de que essa mesma sociedade industrial nos trouxe vitórias sociais bem reais e um autêntico progresso. Ela nos liberou dos embaraços cruéis da pobreza. Ela nos propiciou a certeza estável de termos um teto acima da cabeça e de podermos satisfazer as nossas necessidades vitais. Ela nos ofereceu bem mais, e não desejaríamos renunciar a tudo isso.

Tivemos a oportunidade de melhorar consideravelmente a nossa posição pessoal, o nosso padrão de vida – e para tanto trabalhamos muito. As conquistas do passado são uma realidade que não se pode mais apagar. É necessário aceitá-las e reconhecê-las como tais. Criticar o sistema é muito fácil, quando nos encontramos sob a proteção segura das vitórias obtidas outrora. Não obstante, quando o desenvolvimento começa a trazer mais inconveniências do que vantagens ao indivíduo e à sociedade, é bom que se iniciem as críticas e, em particular, as reflexões. E agora, é chegado o momento. Isso porque o sistema econômico, que se baseia na rotação entre produção/consumo e consumo/produção, desenvolveu, há algum tempo, uma dinâmica própria muito perigosa. Não se trata mais de cobrir as necessidades humanas que realmente se fazem sentir. Elas já estão satisfeitas em sua maior parte. Também não se trata mais de criar novos valores. A economia distanciou-se do ser humano, colocou-se acima dele e, de certa forma, apoderou-se de sua liberdade. Ela trabalha para manter seu próprio aparato, sua própria existência. Para tanto, forjou um álibi: as coerções objetivas. E isso causa medo. Se estudarmos a

questão com cuidado, considerando todos os fatores, certamente constataremos que, num grande número de setores, o custo suportado pela sociedade, pela economia e pelo meio ambiente ultrapassa largamente os benefícios adicionais alcançados. Essa constatação também se aplica ao setor do lazer e das viagens, como o demonstra o seguinte exemplo: criou-se, na maioria das zonas de descanso e das regiões de férias, um mercado de construção que obedece a leis próprias e que se dissociou completamente do turismo. A renda do solo a qualquer preço, a construção de novos chalés, de apartamentos de férias, de prédios com apartamentos do tipo conjugados, hotéis e outras construções prosseguem em ritmo acelerado. E, além disso, a taxa de ocupação das instalações existentes é quase sempre fraca e diminui de ano para ano. As paisagens perdem, a cada dia, um pouco mais da aparência natural. A atração pelo lucro no curto prazo que motiva algumas pessoas em detrimento dos interesses no longo prazo das populações: interesse em preservar a natureza, ter um espaço de descanso e manter a economia viva. Ninguém ignora que o *lobby* da construção funciona às mil maravilhas, devido à obrigação de manter os empregos da construção.

Recentemente, um pesquisador do lazer formulou o problema da seguinte maneira: o turismo de massa constitui uma das formas de lazer mais marcantes, de maiores consequências e de impactos menos controláveis. Acreditamos que aprendemos a viver com ele e que podemos conter seus excessos, prever sua evolução e sanar seus pontos fracos. Mas a verdade é que, a menos que modifiquemos nossa mentalidade e alteremos o sistema, nada poderemos fazer a não ser contemplar os efeitos que o turismo de massa causará na ecologia e nos campos psicológico e socioeconômico. Eis o problema crucial: reconhecer onde a ordem estabelecida falhou e em que momento perdemos o controle da situação.

Devemos compreender que a continuidade das tendências econômicas e das técnicas atuais representará uma perspectiva medíocre e perigosa para o futuro do turismo. Mas já não estaríamos tão irremediavelmente presos às coerções objetivas, que nem mesmo ousamos refletir sobre o que realmente desejamos?[8]

Se, apesar de tudo, quisermos abordar o problema, devemos destruir o alcance normal da nossa reflexão intelectual e dos nossos critérios de julgamento. As teorias, os cálculos econômicos, os programas políticos e as doutrinas não são de nenhuma ajuda neste caso específico. Devemos ir além, invocando especialmente a intuição e a fantasia social, definidas como a aptidão de não crer no caráter definitivo da ordem estabelecida, de propor novos conceitos, de formular soluções substitutivas.

Já vimos que o lazer e o turismo, em alguns aspectos, não constituem um mundo à parte que obedece a leis próprias. Eles são a consequência e, simultaneamente, um componente do sistema social industrial, da organização dos seres humanos e da civilização moderna. Contudo, o lazer também pode repercutir sobre esse mesmo sistema. Fora desses fatores determinantes e fundamentais, o lazer e as viagens não podem ser compreendidos. O turismo moderno tornou-se um dos fenômenos mais notáveis e singulares da nossa época. Para descobrir sua natureza, é necessário tentar compreender como se conectam os elementos, quais são as causas e os efeitos, os desejos e as realidades. Devemos, antes de mais nada, dominar o mecanismo de seu funcionamento, antes de determinar os meios de controlá-lo, modificá-lo e aperfeiçoá-lo.

Contudo, as interligações não são discerníveis, se nos limitarmos a uma estreita visão setorial. Pelo contrário, quando alargamos o campo de pesquisas, constatamos num dado momento que todos os elementos são importantes e exercem alguma influência. O assunto torna-se cada vez mais vasto; o trabalho, a moradia, o lazer, isto é, todos os aspectos entram em consideração. Somos, então, obrigados a nos perguntar sobre os processos com que nos confrontamos no momento, sobre quais seriam nossos anseios e nossa opinião pessoal. Essas reflexões nos fazem voltar, consequentemente, ao tema de que desejaríamos tratar: lazer e viagem.

Na primeira parte do livro, estudaremos as grandes linhas do modelo existencial trabalho – moradia – lazer – viagens. Na segunda parte, descreveremos os processos que determinam o lazer e a mobilidade nesse contexto. O que chamamos de ciclo de reconstituição do ser humano na sociedade industrial será examinado em detalhes assim como as via-

gens e o seu desenvolvimento nos dias de hoje. Abordaremos as vantagens, assim como os excessos e as promessas não realizadas, em particular, as tendências e as perspectivas. Na terceira parte do livro, tentaremos descobrir se existem novas tendências que poderiam modificar todo o conjunto: o universo cotidiano, a economia, o trabalho, a moradia e o lazer, a mentalidade dos seres humanos e os princípios fundamentais da nossa sociedade. Estaria em curso uma evolução que valeria a pena apoiar para que o cotidiano se humanize e, por conseguinte, as viagens melhorem? Finalmente, na última parte da obra, apresentaremos algumas propostas que visam humanizar o turismo, e defenderemos uma nova compreensão do lazer e das viagens. Essa seção apresentará ideias bastante positivas, pois não desejamos suprimir as férias nem as viagens de ninguém. Muito pelo contrário: está na hora de desenvolver outras formas de lazer para que todas as pessoas envolvidas possam tirar o melhor proveito, sem prejudicar os autóctones e o meio ambiente. Talvez as férias e o lazer experimentados longe de casa possam transformar-se realmente num campo de aprendizado e de experiências, e não ser apenas uma fuga do cotidiano e dos problemas, mas também uma oportunidade de enriquecimento interior, de exercer a liberdade, a compreensão mútua e a solidariedade, e de poder descobrir um pouco de tudo isso no cotidiano. Aí está a resposta para a questão tão delicada de saber se é moralmente defensável a preocupação com a necessidade de descanso dos habitantes dos países industrializados, enquanto que, em outras regiões do globo, centenas de milhões de seres humanos enfrentam uma luta diária pela simples sobrevivência. Uma nova compreensão das viagens e um novo comportamento durante elas poderiam, talvez, contribuir para desenvolver também o senso de humanidade e de equidade. Portanto, o turismo poderia ser, eventualmente, enriquecedor e um estímulo para um cotidiano e uma sociedade melhores. Por que não, afinal? Aqui está a teia utópica e idealista (no bom sentido desses termos) sobre a qual desejamos tecer. Gostaríamos de mobilizar toda a consciência do leitor nesse sentido e transmitir às pessoas interessadas o sentimento de que estão, de fato, envolvidas, desvendando os

véus da causalidade, e apresentar também propostas indicativas de como cada um poderia agir para que nos aproximemos um pouco do estado almejado.

Naturalmente, tudo isso só será possível se fizermos perguntas, às vezes muito críticas, e se exprimirmos claramente os nossos temores. A crítica não visa desmantelar o sistema. A intenção é fazer que apareçam os atalhos que nos possam conduzir para longe do matagal cerrado: os caminhos para um futuro melhor. Em muitas oportunidades, não poderemos demonstrar cientificamente as alegações. Como faltam dados – o que não é raro –, só poderemos basear-nos na avaliação pessoal das coisas, ou seja, como nós as vemos ou como gostaríamos que fossem. Aliás, tratando-se do futuro, ninguém pode exigir provas.

Nos dias de hoje, muitos seres humanos sentem necessidade de mudar alguma coisa, de tentar algo diferente – um desejo que talvez seja mais forte do que nunca. Assim, concordamos com Ernst Bloch quanto ao "princípio da esperança"[10]: crer na força tranquila da consciência, que se move como força real à medida que atinge as massas – se as massas quiserem ser atingidas.

## Notas

1. *Wirtschaftswoche.* Dusseldorf, n. 16, p. 38, 1979.
2. DEUTSCHE STRASSENLIGA & DEUTSCHE GESELLSCHAFT FUR FREIZEIT (Eds.). *Freizeit und Strasse: Aktive Freizeitgestaltung und Verkeher.* Colônia: Druckhaus Muller, 1980, p. 56.
3. COMMISSION CONSULTATIVE FÉDÉRALE POUR LE TOURISME. *Conception suisse du tourisme.* Berna: EDMZ, 1979, p. 54.
4. KAHN, H. *Die Zukunft der Welt (1980-2000).* Viena, Munique, Zurique, Nova York: Verlag Fritz Molden, 1980, p. 297-298.
5. STÖSSL, P. E. Leben? In: FREIZEIT, Friesel *et al.* (Eds.) *Lesebuch 4.* Munique: Timm, 1973.
6. HERSCH, J. *Du mauvais et du bon usage du tourisme.* Berna, 1977 (manuscrito).

7. No que diz respeito à crítica ao turismo, ver, por exemplo: SCHERRIEB, H. R. *Der westeuropäische Massentourismus*. Wurzburgo: Institut fur Fremdenverkehrs und Freizeitforschung, 1974, p. 51-65.

8. EPPLER, E.; ENDE, M. & TÄCHL, H. *Phantasie/Kultur/Politik:* Protokoll eines Gesprächs. Stuttgart: Edition Weitbrecht, 1982, p. 21.

9. BLOCH, E. *Das Prinzip der Hoffnung*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1968.